

ELSINORE

FERNANDA MELCHOR

Finalista do National Book Award e do International Booker Prize

TEMPORADA DE FURACÕES



«Um romance deslumbrante
de uma das mais entusiasmantes
novas vozes da literatura mexicana.»

The Guardian

*He, too, has resigned his part
In the casual comedy;
He, too, has been changed in his turn
Transformed utterly;
A terrible beauty is born.*

W. B. Yeats
Easter, 1916

*Alguns dos acontecimentos que aqui se narram
são reais. Todas as personagens são imaginárias.*

Jorge Ibarqüengoitia
Las muertas

|

Chegaram ao canal pelo trilho que sobe do rio, com as físgas preparadas para a batalha e os olhos semicerrados, quase coidados no fulgor do meio-dia. Eram cinco, e o seu líder, o único que usava fato de banho: calções coloridos que luziam por entre as matas sedentas do canavial ainda baixo de princípios de maio. O resto da tropa seguia-o em cuecas, os quatro calçados com botins feitos de lama, os quatro carregando por turnos o balde de pequenas pedras que tinham tirado do rio naquela mesma manhã; os quatro, muito sérios, com ar de maus e tão dispostos a imolar-se que nem sequer o mais pequeno se teria atrevido a confessar que sentia medo, ao avançar com sigilo na retaguarda dos seus companheiros, com o elástico da funda tenso nas mãos, a pedra apertada na badana de couro, preparado para descalabrar o primeiro que lhe aparecesse à frente se o sinal da emboscada se apresentasse no grito do bem-te-vi, recrutado como vigia nas árvores atrás deles, ou no restolhar das folhas ao serem afastadas com violência, ou no zumbido das pedras ao fenderem o ar em frente das suas caras, a brisa quente, carregada de abutres etéreos contra o céu quase branco e de uma pestilência que era pior que um punhado de areia na cara, um fedor que dava vontade de cuspir para que não descesse

para as tripas, que tirava a vontade de continuar a avançar. Mas o líder apontou para a beira do carreiro e os cinco, de gatas sobre a erva seca, os cinco, agrupados num só corpo, os cinco, rodeados de varejeiras, reconheceram por fim o que espreitava sobre a espuma amarela da água: o rosto podre de um morto entre os juncos e os sacos de plástico que o vento impelia da estrada, a máscara escura que fervilhava numa miríade de cobras negras, e sorria.

||

Chamavam-lhe a Bruxa, tal como à sua mãe: a Bruxa Pequena quando a velha começou o negócio das curas e dos malefícios, e a Bruxa simplesmente quando ficou sozinha, lá pelo ano do deslizamento. Se porventura teve outro nome, inscrito num papel gasto pelo passar do tempo e dos vermes, oculto talvez num daqueles armários que a velha atafulhava de sacos, de trapos encardidos, de madeixas de cabelo arrancado, de ossos e de restos de comida, se alguma vez chegou a ter um nome próprio e apelidos como as outras pessoas da terra, isso foi coisa que nunca ninguém soube, nem sequer as mulheres que visitavam a casa às sextas-feiras a ouvirem alguma vez chamá-la de outra maneira. Era sempre tu, sonsa, ou tu, cabrona, ou tu, maldita filha do demo quando queria que a Pequena fosse para junto dela, ou que se calasse, ou simplesmente que estivesse quieta debaixo da mesa e a deixasse ouvir as queixas das mulheres, as choraminguices com que salpicavam as suas angústias, achaques e desvelos, os sonhos com parentes mortos, as disputas com os que ainda estavam vivos e o dinheiro, quase sempre era o dinheiro, mas também o marido, e essas putas da estrada, sabe-se lá porquê abandonam-me precisamente quando mais entusiasmada estou, choravam-lhe elas, e tudo para quê?, gemiam,

o melhor seria morrer já, de uma vez por todas, que nunca ninguém saiba que existiram, e, com a ponta do xaile, limpavam a cara, que de qualquer modo cobriam ao sair da cozinha da Bruxa, não fosse acontecer que depois dissessem, uma pessoa nunca sabia, mexeriqueiras como eram as pessoas da terra, que alguém tinha ido ter com a Bruxa porque andava a tramar uma vingança contra alguém, um malefício contra a gaja que andava de roda do marido, porque não faltava quem inventasse falsidades quando uma pessoa inocentemente só andava à procura de um remédio para a indigestão deste puto merdoso que está empanturrado por ter devorado sozinho um quilo de batatas, ou um chá que servisse para espantar o cansaço ou uma pomada para os desarranjos da barriga, claro, ou então sentar-se apenas ali um bocado na cozinha a desabafar, a libertar a mágoa e a dor que lhes flutuavam sem esperança na goela. Porque a Bruxa escutava, e a Bruxa, segundo parecia, não se espantava com nada, se até diziam que tinha matado o marido, precisamente o cabrão do Manolo Conde, e por dinheiro, o dinheiro, a casa e as terras do velho, uma centena de hectares de campos de cultivo e de pastagem que o pai lhe deixara, o que restava depois de ter ido vendendo tudo aos bocados ao líder do Sindicato do Engenho para nunca ter de trabalhar, para viver das rendas e dizem que dos negócios que sempre lhe corriam mal, e era tão grande aquele latifúndio que quando Don Manolo morreu ainda restava um bom bocado que dava uma renda interessante, tanto assim que os filhos do velho, dois rapazes já grandes, com os cursos concluídos, que Don Manolo teve com a que foi sua esposa legítima lá em Montiel Sosa, apareceram na terra assim que souberam da notícia: um enfarte fulminante, foi o que lhes disse o médico de Villa quando os rapazes chegaram àquela casa no meio dos canaviais onde estavam a velar o cadáver, e ali mesmo à frente de toda a gente disseram à Bruxa que tinha até ao dia seguinte para sair da casa e da terra, que era louca se julgava que eles iam

permitir que uma rameira ficasse com os bens do pai: as terras, a casa, aquela casa que tantos anos depois ainda estava por acabar, grandiosa e malfeita como eram os sonhos de Don Manolo, com a sua escadaria e o seu corrimão com querubins de gesso e os tetos altíssimos onde os morcegos faziam ninho, e o dinheiro que diziam estar escondido num lugar qualquer daquela casa, uma batelada de moedas de ouro que Don Manolo herdou do pai e que nunca meteu no banco, e o diamante, o anel de diamantes que nunca ninguém tinha visto, nem sequer os filhos, mas que diziam que tinha uma pedra tão grande que parecia falsa, uma autêntica relíquia que pertencera à avó de Don Manolo, a senhora Chucita Villagarbosa de los Monteros de Conde, e que por direito legal e até divino era da mãe dos rapazes, a esposa legítima de Don Manolo perante Deus e perante os homens, e não daquela vadia oportunista, daquela nojenta e assassina, a tal Bruxa, que se dava grandes ares de senhora mas que não era mais que uma pega que Don Manolo tirou de uma barraca qualquer na selva para ter com quem aliviar os seus mais baixos instintos na solidão da planície. Uma mulher má, afinal, porque sabe-se lá como, talvez aconselhada pelo diabo, pensavam alguns, apercebeu-se de que havia umas ervas que cresciam no cerro, quase no topo, por entre as velhas ruínas que, segundo os do governo, eram as sepulturas dos antigos, os que antes habitaram estas terras, os que chegaram primeiro, antes até dos malvados espanhóis, que viram tudo aquilo dos seus barcos e disseram *Matanga*¹, estas terras são nossas e do reino de Castela, e os antigos, os poucos que restavam, tiveram de fugir para a serra e perderam tudo, até as pedras dos seus templos, que acabaram por ficar enterradas debaixo do cerro aquando do furacão de setenta e oito, aquando do deslizamento de terras, da

¹Parte de uma expressão muito comum no México, que na sua versão completa se diz «*Matanga dijo la changa*», algo dito quando se obtém ou se arrebatava alguma coisa porque se foi mais esperto e mais veloz. [N. T.]

avalancha de lama que sepultou mais de cem habitantes de La Matosa, e dizia-se que era nessas ruínas que cresciam as ervas que a Bruxa cozinhou para as converter num veneno que não tinha cor nem sabor nem deixou qualquer rasto porque até o médico de Villa disse que Don Manolo tinha morrido de um enfarte, mas os filhos, teimosos, diziam que tinha sido um veneno, e as pessoas depois culpavam também a Bruxa da morte dos filhos de Don Manolo, pois no próprio dia do enterro o diabo levou-os na estrada, quando iam a caminho do cemitério de Villa, a encabeçar o cortejo; morreram os dois esmagados por uma carga de vigas de ferro que se soltou de um caminhão que ia à frente deles, só se via ferro ensanguentado nas fotografias que o jornal publicou no dia seguinte, uma coisa espantosa porque ninguém alguma vez soube explicar como foi que aquele acidente pôde acontecer, como foi que as vigas se soltaram dos cabos que as seguravam e atravessaram o para-brisas e os trespassaram totalmente, e não faltou quem se tenha agarrado a isso para dizer que a Bruxa era culpada, que a Bruxa lhes tinha lançado um feitiço, que para não perder a casa nem as terras aquela mulher má se entregara ao diabo em troca de poderes, e foi mais ou menos nessa mesma época que a Bruxa se encerrou na casa e nunca mais voltou a sair de lá, nem de dia nem de noite, talvez com medo da vingança dos Conde, ou talvez porque escondia alguma coisa, um segredo de que não queria separar-se, alguma coisa naquela casa que não queria deixar desprotegida, e ficou magra e pálida e até arrepiava olhar-lhe para os olhos porque parecia que tinha enlouquecido, e eram as mulheres de La Matosa que lhe levavam coisas de comer em troca de ela as ajudar, de lhes preparar os seus remédios, as mixórdias que a Bruxa cozinhou com as ervas que ela mesma plantava na horta do seu quintal ou que mandava as mulheres irem buscar ao cerro, quando ainda existia o cerro. Foi também nessa época que as pessoas começaram a ver o animal voador que de noite perseguia os homens

que regressavam a casa pelos caminhos de terra entre as povoações, com as garras abertas para os ferir, ou talvez para os levar a voar até ao inferno, os olhos do animal iluminados por um fogo espantoso; foi também na época em que começaram com o boato da estátua que a Bruxa mantinha escondida, num quarto qualquer daquela casa, certamente nos do andar de cima, aonde nunca deixava ir ninguém, nem sequer as mulheres que a visitavam, e onde se dizia que se encerrava para fornicar com ela, com esta estátua que não era outra coisa senão uma imagem bem grande do mafarico, a qual tinha um membro comprido e grosso como o braço de um homem empunhando a faca, uma verga descomunal com a qual a Bruxa se enrolava todas as noites sem falta, e era por isso que ela dizia que não lhe fazia falta marido, e efetivamente, depois da morte de Don Manolo, não voltou a conhecer-lhe mais nenhum homem, e como havia isso de acontecer, se ela própria passava a vida a dizer cobras e lagartos dos homens, exclamando que eram todos uns bêbados e uns vadios, uns cães tarados, uns porcos infames, e que antes morrer do que deixar algum desses cabrões entrar-lhe em casa e que elas, as mulheres da terra, eram umas parvas por os aguentarem, e os olhos brilhavam-lhe quando dizia aquilo e por segundos voltava a ficar bonita, com os cabelos despendeados e as faces rosadas pela emoção, e as mulheres da terra benziavam-se porque podiam imaginá-la nua, a montar o diabo e a afundar-se na sua verga grotesca até à empunhadura, com o sêmen do diabo a escorrer-lhe pelas coxas, vermelho como a lava, ou verde e espesso como as mistelas que borbulhavam no caldeirão em cima do lume e que a Bruxa lhes dava a beber às colheradas para as curar dos seus males, ou talvez negro como o alcatrão, negro como as pupilas imensas e o cabelo emaranhado da criatura que um dia descobriram escondida debaixo da mesa da cozinha, agarrada à saia da Bruxa, tão muda e enfezada que, em silêncio, muitas mulheres rezaram para que não continuasse viva muito

tempo, para que não sofresse; a mesma criatura que tempos depois surpreenderam sentada ao fundo das escadas, com um livro aberto sobre as pernas cruzadas, com os lábios a entrecocar em silêncio as palavras que os seus grandes olhos negros iam lendo, e a notícia correu numa questão de horas porque nesse dia até em Villa souberam que a filha da Bruxa continuava viva, coisa rara porque até os engendros que os animais pariam, os bodes de cinco patas ou os frangos de duas cabeças, morriam poucos dias depois de abrirem os olhos, e em compensação a filha da Bruxa, a Pequena, como começaram a chamar-lhe desde então, aquela criatura parida em segredo e em vergonha a cada dia que passava ficava maior e mais forte, e em breve se tornou capaz de levar a cabo qualquer tarefa de que a mãe a incumbisse: cortar a lenha e acarretar a água do poço e caminhar até ao mercado de Villa, treze quilómetros e meio de ida e treze e meio de volta, carregada com os sacos do mercado e os cestos às costas, sem nunca parar para descansar um instante, e sem muito menos se afastar do caminho ou dar à língua com as outras raparigas da terra, porque de qualquer modo nenhuma se atrevia a falar com ela, nenhuma se ria dela sequer, dos seus cabelos crespos e emaranhados e dos seus vestidos maltrapilhos e dos seus enormes pés descalços, tão alta e tão desengonçada, briosa que nem um rapaz e mais inteligente que qualquer um, porque algum tempo depois soube-se que era a Pequena que orientava as despesas da casa e que negociava as rendas com as pessoas do Engenho, que continuavam a cobiçar aquele pedaço de terra e esperavam por um descuido das Bruxas para as despojar com argúcias legais, aproveitando que não havia papéis, que não havia qualquer homem para as defender, se bem que não fizesse falta porque a Pequena, sabe-se lá como, tinha aprendido a negociar o dinheiro, e era tão cabra que um dia até apareceu na cozinha para pôr um preço nas consultas, porque a Velha — que nessa altura não passava dos quarenta anos, mas que parecia já ter

sessenta à conta das rugas e dos cabelos brancos e de todas aquelas peles penduradas —, a Velha já se distraía e esquecia-se de cobrar as consultas, ou conformava-se com o que as mulheres lhe quisessem dar: uma panela de rapadura, um quarto de grão seco, um cartucho de limões já meio podres ou um frango com larvas: merdas, diga-se de passagem, até que a Bruxa Pequena pôs fim ao dislate quando um dia apareceu na cozinha e, com a sua voz rouca, pouco habituada a falar, disse que os obséquios que as mulheres levavam não eram suficientes para cobrir o preço da consulta e que as coisas já não podiam continuar assim, que a partir daquela altura haveria preços consoante a dificuldade do trabalho, consoante os recursos que a mãe tivesse de utilizar e o tipo de magia requerida para conseguir o propósito, porque como haveria de ser a mesma coisa curar umas hemorroidas ou fazer com que o homem alheio se rendesse por completo aos pés de uma mulher, ou permitir-lhes falar com a mãe morta para saber se esta lhes tinha perdoado o abandono em que a tiveram em vida, não é verdade? Não, dali em diante as coisas iam mudar, e muitas não gostaram nada daquilo e deixaram de ir às sextas-feiras, e quando se sentiam mal iam ter com o senhor de Palogacho que parecia ser mais eficaz do que a Bruxa porque a ele até da capital o iam ver, gente famosa da televisão, futebolistas, políticos em campanha, mas a verdade é que era careiro e como a maioria das mulheres não tinha nem para pagar a viagem de autocarro até Palogacho o melhor era dizerem à Pequena que, vamos lá ver, sim, senhora, como é que ia ser, então, porque elas só tinham aquilo que levavam, então como é que ia ser, e a Pequena mostrou-lhes aqueles dentes imensos que ela tinha e disse-lhes que não se preocupassem, que se não tivessem suficiente podiam deixar-lhe qualquer coisa como prenda, como aquelas argolas que trazias no outro dia, ou o fiozinho da tua menina ou nem que fosse um tacho de tamales de borrego, ou a cafeteira, a rádio, a bicicleta, aceitava

qualquer pertence, e se não pagassem a horas teria de lhes levar juros porque de um dia para o outro começou também a emprestar dinheiro vivo, a trinta e cinco por cento ou percentagens piores, e todos na terra diziam que aquelas artimanhas eram do diabo, porque quando é que alguma vez se vira uma rapariga ser tão astuta, onde é que ela podia ter ido buscar aquilo, e não faltava quem dissesse na *cantina* que aquilo dos juros era um roubo, que tinham de denunciar a cabra às autoridades competentes, à polícia, para que a levassem presa como agiota e abusadora, quem é que ela se julgava ali a explorar as pessoas de La Matosa e outras vizinhanças, mas na hora da verdade ninguém fazia nada, porque quem mais lhes emprestaria dinheiro em troca de bens tão miseráveis, e além disso ninguém queria ter as Bruxas como inimigas porque a verdade é que tinham muito medo delas. Até os homens da terra evitavam passar de noite por aquela casa; toda a gente sabia dos ruídos que vinham lá de dentro, os gritos e lamentos que se ouviam do caminho de terra e que as pessoas imaginavam que eram as duas bruxas a fornicar com o diabo, se bem que outros pensassem que era só a Bruxa Velha, que estava a ficar louca, porque nessa altura já quase não reconhecia ninguém e entrava em transe a toda a hora, e todos diziam que Deus estava a castigá-la pelos seus pecados e porcarias, e sobretudo por ter procriado aquela herdeira satânica, porque já então a Bruxa fazia gala, quando as mulheres se atreviam a perguntar-lhe quem era o pai da Pequena, de criar um mistério que ninguém resolvia porque nunca se chegou a saber ao certo quando a filha tinha vindo ao mundo; o que era certo era que Don Manolo tinha morrido havia já muitos anos, e depois disso não se lhe conhecera marido, a Bruxa nunca saía de casa nem frequentava os bailes, e na verdade o que elas realmente queriam saber era se tinham sido os seus próprios maridos a fazer-lhe aquele monstinho de criança, e por isso ficavam com pele de galinha quando a Bruxa fazia um meio sorriso e lhes dizia que a

Pequena era filha do diabo, e Deus fosse louvado até era parecida com ele, quando alguém ficava a olhar bem para a rapariga e a comparava com a imagem do mafarrico derrotado por São Miguel Arcanjo que havia na igreja de Villa, sobretudo nos olhos e nas sobrancelhas, e as mulheres benziam-se e às vezes de noite até sonhavam que o diabo as perseguia com a verga tesa para lhes fazer um filho e acordavam com lágrimas nos olhos e as coxas molhadas por dentro e o ventre dorido, e corriam até Villa para se confessarem ao padre Casto, que ralhava com elas por andarem a acreditar em bruxaria; porque também havia gente que se ria de todas estas histórias, gente que dizia que a Velha estava simplesmente louca e que certamente tinha roubado a Pequena de alguma terreola, ou então havia também os que diziam que a Sarajuana, já velha, contava que uma noite chegaram à sua *cantina* uns rapazes que não eram dali de La Matosa e provavelmente nem sequer de Villa pela forma como falavam, e que já bêbados começaram a gabar-se dizendo que vinham de se divertir com uma mulher de La Matosa, uma que tinha matado o marido e que se armava muito em bruxa, e a Sarajuana a seguir pôs a orelha à escuta e eles continuaram a contar como se tinham metido na casa dela e como lhe bateram para que ficasse quieta e pudessem todos fodê-la, porque, bruxa ou não, a verdade é que a cabra da mulher ainda era bem boa, bem apetitosa, e via-se que no fundo até tinha gostado, pela maneira como se retorcia e gritava enquanto eles a fodiam, afinal naquela terra reles são todas umas putas, disseram eles, e não faltou, porque nunca falta, como Sarajuana bem sabia, um cabrão a ofender-se por dizerem que La Matosa era uma terra reles e armado em bom caiu-lhes em cima e todos os que estavam na *cantina* deram uma boa tareia aos rapazolas, mas no fim ninguém sacou do machete, talvez por os terem vencido tão depressa, ou porque estava demasiado calor para levarem a ofensa muito a sério, e não havia mulheres a quem impressionar no Sarajuana,

nem mesmo as pobres esqueléticas que subiam das cabanas da costa para se oferecerem em troca de cerveja, nada, só eles e a Sara, que naquela altura já era vista por eles como qualquer outro macho, desses de cara morena, bigode obrigatório e garrafa de cerveja a aquecer na mão, e a chiadeira da ventoinha no teto, fendendo com esforço o calor que irradiava dos seus corpos e o gravador de cassetes, *za-ca-ti-to pal conejo*, a ecoar sozinha junto à candeia, *tiernito-verde voy a cortar*, em frente da estampa do cavaleiro São Martinho, *pa llevarle al conejito*, e o aloé atado com uma fita embebida em água benta, *que ya-empiezá desesperar, sí señor, cómo no*, e aguardente de cana, *pa esconjurar as invejas*, explicava a Bruxa, *pa devolver o mal a quem o merece, a quem o envia*. Por isso em cima da mesa da sua cozinha, mesmo no centro, sobre um prato com sal grosso, havia sempre uma maçã vermelha atravessada de cima a baixo por uma faca de cozinha e um cravo branco que às sextas-feiras de manhã as mulheres que madrugavam para ir com ela encontravam já todo murcho e encarquilhado, como que podre, amarelado pelas más vibrações que elas próprias deixavam naquela casa, uma espécie de corrente negativa que elas julgavam acumular em tempos de aflição e desgraça e que a Bruxa sabia purgar com os seus remédios, um miasma espesso, mas invisível, que ficava a flutuar no ar viciado daquela casa fechada, porque ninguém sabia bem quando tinha começado o pavor da Velha por janelas, mas na altura em que a Pequena já por ali andava a correr na penumbra do salão do outro lado da cozinha, para onde ninguém se atrevia a passar, nessa altura, e com as suas próprias mãos, já a Velha tinha entaipado todas as janelas com tijolos, cimento, paus e malha de arame e até a porta principal de carvalho quase negro, por onde tiraram o caixão de Don Manolo para o levarem a enterrar em Villa, até mesmo essa porta ela tapou com azulejos e bocados de madeira e tudo o que pôde para que nunca mais se abrisse e então já só se podia entrar na casa por uma portinha

que dava da cozinha para o pátio, porque por algum lado a Pequena tinha de sair para trazer a água, cuidar da horta e fazer os recados, e como não podia fechá-la, então a Bruxa mandou pôr um portão com barras mais grossas que os das celas da prisão de Villa, ou pelo menos era o que dizia o ferreiro que lhe fez o trabalho, e que a Velha fechava com um cadeado do tamanho de um punho, cuja chave levava sempre metida no sutiã, sobre o seio esquerdo; um portão que as mulheres da terra cada vez mais encontravam fechado e, como não se atreviam a tocar, ficavam ali à espera até que ouviam, às vezes, os gritos, as blasfêmias e os alaridos que a Velha lançava ao mesmo tempo que atirava os móveis contra as paredes ou contra o chão, a julgar pelo barulho que se ouvia do pátio, enquanto a Pequena — como anos depois contaria às raparigas da estrada — se escondia debaixo da mesa da cozinha, agarra-va na faca e ficava acocorada ali, como quando era ainda criança e toda a povoação julgava, esperava e até rezava para que ela morresse logo, para que não sofresse, porque mais tarde ou mais cedo o diabo viria reclamá-la como sua e a terra partir-se-ia em duas e as Bruxas cairiam no abismo, direitinhas ao lago de fogo do inferno, uma por ser endemoninhada e a outra por todos os crimes que cometeu com as suas bruxarias: por ter envenenado Don Manolo e enfeitado os filhos dele para que morressem naquele acidente; por capar os homens da terra e debilitá-los com os seus trabalhos e bruxarias e, sobretudo, por arrancar do ventre das mulheres más a semente ali implantada por direito, por a dissolver naquele veneno que preparava a quem lho pedisse, e cuja receita a Pequena herdou antes de ela morrer, durante o confinamento que fizeram nos dias anteriores ao deslizamento de terras de setenta e oito, quando o furacão fustigou a costa com fúria e ímpeto e os relâmpagos rugindo encheram de água o céu durante dias a fio, alagando os campos e apodrecendo tudo, afogando os animais que assustados com o vento e os trovões não conseguiram sair a tempo dos currais

e até aquelas crianças que ninguém conseguiu pegar ao colo quando o cerro se desfez e veio por ali abaixo com um fragor de rochas e azinheiras desenraizadas e uma lama escura que arrasou tudo até se derramar sobre a costa e converteu em cemitério três quartas partes da povoação perante os olhos avermelhados pelo choro dos que sobreviveram, só porque conseguiram agarrar-se aos ramos dos mangueirais quando a água caiu sobre eles e aguentaram ali dias, abraçados às copas, até que os soldados os tiraram para bordo de lanchas, depois de a borrasca se ter dissipado entrando pela serra e o sol ter voltado a brilhar por entre as nuvens carregadas e a terra ter começado a endurecer novamente, e as pessoas, encharcadas até aos ossos, com as carnes invadidas por líquenes parecidos com corais diminutos, com os seus animais e os filhos que lhes sobreviveram às costas, chegaram em tropel a Villagarbosa à procura de refúgio, para onde o governo as mandasse: para as caves do palácio municipal, para o adro da igreja, e até a escola suspendeu as aulas para os receber durante semanas a fio com as suas tralhas, os seus lamentos e as suas listas de mortos e desaparecidos, entre os quais se contavam já a Bruxa e a sua filha endemoninhada porque ninguém tinha voltado a vê-las depois do temporal. Só muitas semanas mais tarde a Pequena apareceu certa manhã nas ruas de Villa, totalmente vestida de negro, com meias tão negras como os pelos das suas pernas, e negra a blusa de manga comprida, e a saia e os sapatos de salto e o véu que prendera com ganchos ao carrapito com que apanhava os seus longos e escuros cabelos no cimo da cabeça, uma imagem que deixou todos pasmados, não sabiam se de espanto ou de riso, de tão ridícula que era, com o calorão que fazia a ponto de esturricar os miolos e aquela tonta vestida de negro, só podia estar louca, ridícula, que vontade de fazer triste figura como os travestidos que todos os anos apareciam no Carnaval de Villa, embora na verdade ninguém se tenha atrevido a rir-se na cara dela, porque tinham

sido muitos os que perderam entes queridos durante aqueles dias e, ao verem-na naquele disfarce de parca, com aquele andar solene e ao mesmo tempo pesado com que arrastava os pés para o mercado, adivinharam a morte da outra, da mãe, da Bruxa Velha, o seu desaparecimento do mundo, talvez sepultada na lama que engoliu meia povoação; uma morte feia que, contudo, acabou por parecer às pessoas demasiado benévola para a vida de pecado e simonia que a feiticeira tinha levado, e ninguém, nem sequer as mulheres, nem sequer elas, as de sempre, as de todas as sextas-feiras, tiveram a coragem de perguntar à enlutada o que iria acontecer ao negócio, quem se encarregaria das curas, das bruxarias, e tiveram de passar-se anos até as pessoas voltarem àquela casa entre os canaviais, anos inteiros até La Matosa voltar a ficar povoada e encher-se outra vez de cabanas e de lojas erguidas sobre os ossos dos que ficaram enterrados sob o cerro, gente de fora, na sua maioria atraída pela construção da estrada nova que atravessaria Villa para unir ao porto e à capital os poços petrolíferos recém-descobertos a norte, lá por Palogacho, uma obra para a qual se ergueram barracas e *fondas* e com o tempo *cantinas*, casas de hóspedes, casas noturnas e de putas, onde os motoristas, os operadores e os comerciantes de passagem bem como os jornalheiros paravam para fugir um pouco à monotonia daquela estrada bordejada por canas, quilómetros e quilómetros de canas, prados e juncos que cobriam a terra, desde a beira do asfalto até ao sopé da serra a oeste, ou até à costa abrupta do mar sempre furioso naquele ponto, a leste; matas e matas e matagais achaparrados cobertos de trepadeiras que na época das chuvas cresciam a velocidades escabrosas que ameaçavam engolir as casas e as culturas e que os homens mantinham na linha à custa de machete, encurvados à beira da estrada, nas margens do rio, entre os sulcos da lavoura, com os pés metidos na terra quente, demasiado ocupados e alguns demasiado orgulhosos para ligarem aos olhares melancólicos que lhes dirigia, de longe, do caminho

de terra, aquele espectro que vestido de negro rondava pelas paragens solitárias da povoação, pelas parcelas onde trabalhavam os ranchos de novatos, os rapazes acabados de admitir por um salário de fome, todos imberbes, todos secos que nem cordas, com os músculos dos braços, das pernas e dos ventres espremidos pelo trabalho, pelo sol abrasador e pelas correrias atrás de uma bola de trapos sobre o campo de jogos da terra, ao cair da tarde, e pelas corridas enlouquecidas para ver quem chegava primeiro à bomba de água, quem é que se atirava primeiro ao rio, quem era capaz de encontrar primeiro a moeda atirada da margem, quem de todos eles cuspiam mais longe, sentados sobre o tronco da figueira que pendia sobre a água morna do ocaso, os rugidos e os risos, com as pernas torneadas a balançarem em uníssono, com os ombros colados uns aos outros, as costas reluzentes no seu lustro de couro polido; brilhantes e escuras como o caroço do tamarindo, ou cremosas como leite-creme ou a polpa tenra do sapoti maduro. Peles cor de canela, cor de caju a atirar para o pau-rosa, peles húmidas e vivas que de longe, daquele tronco a vários metros de distância de onde a Bruxa os espiava, lhe pareciam suaves, mas firmes e apertadas como a carne acidulada da fruta ainda verde, a mais irresistível, aquela de que mais gostava, pela que suplicava em silêncio, concentrando a força do seu desejo no feixe penetrante do seu negro olhar, sempre oculto na espessura ou paralisado pela ânsia nas raias das parcelas, com os eternos sacos das compras pendurados nos braços e os olhos humedecidos pela beleza de toda aquela carne louçã, com o véu levantado por cima da cabeça para os ver melhor, para os cheirar melhor, para saborear na imaginação o aroma salitroso que os machos jovens deixavam a flutuar no ar da planície, na brisa que por finais do ano se tornava um vento obstinado que fazia restolhar as folhas da cana e as pontas soltas dos chapéus de palma e as pontas dos seus lenços coloridos e as chamas que corriam pelo canavial pulverizando as matas murchas de

dezembro até as deixar em cinzas, aquele vento que por volta do Dia dos Santos Inocentes já começava a cheirar a caramelo queimado, a chamusco, e que acompanhava o vaivém pesado dos últimos camiões carregados de imensos fardos de cana enegrecida a afastarem-se para o Engenho, sob o céu sempre nublado, quando por fim os rapazes guardavam o machete sem sequer o enxaguar e corriam até à beira da estrada para queimar o dinheiro ganho com o suor e as fibras dos seus corpos exaustos, e entre tragos e tragos de cerveja pouco arrefecida pelo frigorífico vetusto do Sarajuana que abanava mais que o *tumpa* da cúmbia, *y lo primero que pensamos, ya cayó*, reunidos em torno da mesa de plástico, *sabrosa chiquitita, ya cayó*, recordavam os acontecimentos das últimas semanas e às vezes concordavam que todos a tinham visto, ou até algum deles tinha dado de caras com ela nalgum caminho, apesar de não lhe chamarem Bruxa Pequena, mas sim Bruxa, simplesmente, e na sua ignorância e juventude confundiam-na ao mesmo tempo com a Velha e com as histórias espantosas que as mulheres da terra lhes contavam quando eram pequenos: as histórias da Llorona, a mulher que matou toda a sua prole por despeito e cujo capricho lhe valeu ser condenada a penar por toda a eternidade sobre a terra e a lamentar-se do seu pecado convertida num espectro horrível, com cara de mula encabritada e patas de aranha peluda; ou a história da Menina de Branco, o fantasma que aparece quando desobedeces à avó e saís de noite de casa para fazer asneiras e a Menina de Branco te segue e quando menos esperas de repente chama pelo teu nome e quando te viras morres de susto ao ver o seu rosto de caveira, e a Bruxa era para eles um espectro semelhante, mas bastante mais interessante por ser verdadeiro, uma pessoa de carne e osso que andava pelos corredores do mercado de Villa, a cumprimentar as vendedoras, e não aquelas tretas de fantasmas que as avós, as mães e as tias contam, historietas de velhas mexeriqueiras que o que não querem é que a gente ande aí

armados em cabrões pelos descampados, não é verdade?, divertido como é sair de casa de noite e fazer maldades, assustar os bêbados e tentar a sorte com as raparigas fáceis. Qual Bruxa qual carapuça, concordavam eles, essa gaja o que quer é cabeça, dizia um espertalhão, se a Bruxa me quiser chupar que comece por aqui, pelo talo, dizia outro, e agarrava-se aos tomates, e entre a troça, o riso, os arrotos, as palmadas na mesa e as gargalhadas que mais pareciam alaridos, não faltava um magano que não ficasse a pensar que com todas aquelas terras e com todo aquele dinheiro que supostamente ela tinha escondido em cofres e em sacos cheios de moedas de ouro, que com todas essas riquezas a tal Bruxa dos canaviais bem podia dar-se ao luxo de pagar pelo que eles davam de graça às raparigas da terra, ou a um ou outro tonto perdido que andava a pedi-las, não é verdade? Mas ninguém soube bem quem foi o valente que se animou primeiro, o que ganhou coragem para atravessar a noite até chegar ao casarão da feiticeira, com todo o cuidado para que não o vissem parar em frente ao portão, em frente à porta da cozinha que de repente se abria para revelar a presença de uma mulher muito alta e muito magra, com o molho de chaves a tilintar nas mãos de palmas pálidas como caranguejos lunares que por instantes espreitavam pelas mangas negras daquela túnica que parecia flutuar na escuridão. É que o resplendor das brasas que aqueciam o caldeirão quase não alumiava, embora enchesse a cozinha de vapores alcanforados que persistiam vários dias no cabelo dos rapazes que se foram atrevendo, por ambição ou adrenalina, por curiosidade mórbida ou necessidade, a juntar-se à sombra que todas as noites esperava por eles, trémula, o mais rápido possível para depois correrem pela estrada para a segurança do Sarajuana, onde o dinheiro que a sombra te metia no bolso quando se decidia por fim a largar-te era consumido em cervejas mornas. E nem sequer tive de lhe ver a cara, gabava-se o patego de turno a quem o quisesse ouvir; nem sequer tinha tido de fazer

mais nada senão suportar as suas mãos e deixar-se lamber por uma boca que era também como uma sombra que aparecia e desaparecia por trás do tecido áspero e sujo que lhe cobria a cabeça e que só se levantava o necessário quando era preciso mas que nunca revelava completamente, e até certo ponto eles agradeciam-lhe isso, bem como lhe agradeciam o silêncio quase absoluto em que tudo aquilo se ia dando, sem gemidos nem suspiros nem distrações nem palavras de qualquer tipo, só carne contra carne e um pouco de saliva na escuridão brumosa da cozinha ou nos corredores decorados com imagens de mulheres nuas cujos olhos de papel tinham sido arrancados com as unhas. E quando o boato de que a Bruxa pagava chegou a Villa e ao resto dos casarios daquele lado do rio aquilo tornou-se uma procissão, um peregrinar contínuo de rapazes e de homens já feitos que brigavam por entrar em primeiro lugar e às vezes iam só para curtir, em carrinhas e com a rádio a todo o volume e grades de cerveja que metiam pela porta da cozinha e fechavam-se lá dentro e ouvia-se música e um bulício como que de festa, para espanto das vizinhas e sobretudo das poucas mulheres decentes que ainda restavam na terra, nessa altura já plenamente invadida por putéfiás e galdérias vindas sabe-se lá de onde, atraídas pelo rasto de notas que os barris do petróleo deixavam cair à sua passagem pela estrada, raparigas de pouco peso e muita maquilhagem que permitiam, pelo preço de uma cerveja, que lhes metessem a mão e até os dedos enquanto dançavam; raparigas mais para o roliço que pareciam lambuzadas de manteiga sob as ventoinhas avariadas e que depois de seis horas de festa já não sabiam o que cansava mais: se passar uma hora a esfregar a verga do homem que as tinha escolhido ou fingir que ouviam realmente o que ele lhes contava; raparigas mais para o veterano que dançavam sozinhas quando ninguém as ia buscar, ali no meio da pista de terra batida, bêbadas de cúmbia e aguardente, perdidas no ritmo amnésico do *tumpa tumpa*; raparigas gastas antes de

tempo, arrancadas sabe-se lá de onde pelo mesmo vento que enredava os sacos de plástico nos canaviais; mulheres cansadas da vida, mulheres que de repente se apercebiam de que já não estavam para andar a reinventar-se com cada homem que conheciam, que se riam logo, com os dentes partidos, quando lhes recordavam as suas ilusões de outrora; as únicas que, animadas pelos rumores e pelos boatos que as mulheres da povoação lhes contavam quando desciam para lavar a roupa ao rio ou enquanto esperavam a sua vez na fila para o leite subsidiado, se atreveram a ir ver a Bruxa à sua casa perdida entre os prados, e a tocar à porta até que aquela louca vestida de viúva espreitava pela porta entreaberta e elas lhe suplicavam que as ajudasse, que lhes fizesse as beberagens de que as mulheres da terra continuavam a falar, as beberagens que amarravam os homens e os dominavam por completo, e as que os repeliam para sempre, e as que se limitavam a apagar a sua memória, e aquelas que concentravam o mal na semente que aqueles cabrões lhes tinham colado nos ventres antes de fugirem nos seus camiões, e mais aquelas, ainda mais fortes, que supostamente libertavam os corações dos fulgores fátuos do suicídio. Foram elas as únicas, em suma, que a Bruxa decidiu ajudar e, coisa rara, sem lhes cobrar um único peso, o que era bom porque a maior parte das raparigas da estrada dificilmente comia uma vez por dia e muitas não eram donas nem da toalha com que limpavam os humores dos machos com quem fodiam, embora talvez o fizesse porque as raparigas da estrada não tinham vergonha de caminhar até lá com a cara descoberta e as nádegas bem empinadas e com as vozes roufenhas pelo fumo e pela falta de dormir, gritando: Bruxa, Bruxinha, abre-me a porta, cabrona desgraçada, que já voltei a fazer merda, até que a Bruxa espreitava, vestida com a sua túnica negra e o véu torto que à luz do dia, na cozinha virada do avesso, com o caldeirão entornado e o chão sujo e salpicado de sangue seco, não chegava para disfarçar as nódoas negras que lhe

inchavam as pálpebras, as crostas que lhe fendiam a boca e as sobrancelhas espessas; as únicas às quais a bruxa às vezes confessava as suas próprias dores, talvez porque elas compreendiam e sentiam na própria carne como era cabrão o vício dos homens, e até diziam piadas e metiam-se com ela para que se risse, para que se esquecesse das pancadas e falasse e dissesse em voz alta os nomes dos cabrões que lhe tinham batido, dos que lhe entravam em casa e lhe viravam os móveis de pernas para o ar porque andavam irritados e queriam dinheiro, o tesouro que se dizia que a Bruxa escondia naquela casa, as moedas de ouro e o tal anel com um diamante que, segundo se dizia, era tão grande como um punho, embora a Bruxa lhes jurasse que não era verdade, que não havia qualquer tesouro, que ela vivia da renda das terras que restavam, umas parcelas repartidas em volta da casa onde o Sindicato do Engenho semeava cana de açúcar, e bastava ver como ela vivia, numa espelunca cheia de trastes e caixas de cartão já podre, e sacos de lixo a abarrotar de papéis, de trapos, de ráfia, de carolos, de bolas de cabelo casposo, de pó, de embalagens de leite e garrafas de plástico vazias, uma lixeira e mais nada, nada mais que porcarias que os abusadores espezinhavam e partiam a tentar abrir a porta do quarto do andar de cima, a divisão que havia anos, desde a época da sua mãe, se mantinha fechada, trancada por dentro pela Velha, quando num dos seus ataques alucinados arrastou todos os móveis do quarto contra a porta de carvalho maciço, de tal forma que só a massa e a força dos sete fardados que constituíam o braço da lei de Villagarbosa, incluindo os cento e trinta quilos do comandante Rigorito, conseguiram finalmente vencer, no mesmo dia em que o cadáver da pobre Bruxa apareceu a flutuar no canal de rega do Engenho. Uma coisa medonha, disseram as pessoas, porque quando aqueles miúdos a encontraram o corpo já estava todo inchado, os olhos tinham saído e os animais tinham-lhe comido parte da cara e parecia que a pobre louca sorria, era medonho,

mesmo, uma sacanice, porra, ela no fundo até era muito boa e estava sempre a ajudá-las e não lhes levava nada nem lhes pedia nada em troca a não ser um bocadinho de companhia; foi por isso que todas as raparigas da estrada e mais uma ou outra que trabalhava nas *cantinas* de Villa decidiram juntar aquele dinheirinho para darem um enterro digno ao pobre corpo podre da Bruxa, mas os cabrões do Ministério de Villa, os grandes filhos da puta, foram tão desumanos que não quiseram entregar o cadáver às mulheres, primeiro porque era a prova do crime e as diligências ainda não tinham terminado, e depois era porque elas não tinham papéis que demonstrassem parentesco com a vítima, e por isso não tinham direito a ficar com o corpo, grandes sacanas: que papéis poderiam elas mostrar-lhes se ninguém na terra alguma vez soube como aquela pobre endemoninhada se chamava; se a própria nunca quis dizer-lhes o seu nome verdadeiro: dizia que não tinha, que a mãe só fazia psiu para a chamar ou lhe chamava estúpida, cabra, filha do diabo, devia ter-te matado quando nasceste, devia ter-te atirado ao fundo do rio, maldita miúda, maldita sacana, mas, vendo bem, tinha os seus motivos para se isolar daquela maneira, depois do que aqueles cabrões lhe fizeram; pobre Bruxa, pobre louca, oxalá que pelo menos apanhem o chacal ou os chacais que lhe retalharam o pescoço.

A Bruxa está morta. Um grupo de crianças encontrou o seu corpo mutilado a flutuar num canal de irrigação. Esta descoberta macabra leva a polícia de La Matosa, um lugar perdido no México, a procurar os envolvidos no crime. Cada um contará a sua versão dos acontecimentos, abrindo as portas de um inferno de violência e abandono, onde as drogas, o sexo, a pobreza e o desespero convivem com a superstição e a mitologia, traçando o retrato assustador de um México sem lei nem esperança.

Aclamado pela crítica internacional, que o compara a obras de Cormac McCarthy e de Roberto Bolaño, com ecos da melhor tradição da literatura sul-americana, de Gabriel García Márquez a Juan Rulfo, *Temporada de Furacões* é um romance originalíssimo, escrito no limite da oralidade, que subverte as convenções da crónica e do romance negro, revelando um lirismo inesperado.

«Um compósito de raiva e de angústia inteiramente singulares.»

The Wall Street Journal

«Um romance que se afunda como chumbo no abismo da nossa alma.»

Los Angeles Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896238575



9 789896 238575 >